

FILOSOFIA AFRICANA E CURRÍCULO: APROXIMAÇÕES

Adilbênia Freire Machado*

*...existem coisas que não se explicam,
mas que se experimentam e se vivem.*

A. Hampaté Bâ.

RESUMO: O artigo objetiva apresentar um panorama da filosofia africana contemporânea, para isso pensa a filosofia, o contexto, a cultura fazendo uma interface com a educação e o currículo. Apresenta a Filosofia Africana surgida pela motivação, inquietude e necessidade de resolver seus problemas de ordem política, econômica e social. Apresenta-se as correntes filosóficas e a compreensão de que é uma filosofia que prima pelos princípios e valores culturais, que se abre para as possibilidades, resignificando e saindo da totalidade pra pensar a alteridade.

Palavras-Chave: Filosofia Africana; Contexto; Resignificar; Currículo; Alteridade.

RESUMEN: En este artículo se presenta un panorama de la filosofía africana contemporánea, piensa la filosofía, el contexto, la cultura haciendo una interfaz con la educación y el currículo. Muestra que la filosofía africana surgió de la motivación, la inquietud y la necesidad de resolver sus problemas de desarrollo político, económico y social. Hay la presentación de la comprensión filosófica y la comprensión que es una filosofía que representa los principios y los valores culturales, que se abre a las posibilidades, resignificación, dejando la totalidad para pensar la alteridad.

Palabras Claves: Filosofía Africana; Contexto; Resignificar; Educación/Currículo; Alteridad.

Pensa(ando) Filosofia

Filosofia nos aparece como “*amor à sabedoria, ao conhecimento*”; desse modo, onde houver seres humanos há filosofia. Platão, no seu *Eutidemo*, traz a Filosofia como o uso do saber em proveito do homem. Na medida em que filosofia significa amizade, amor e respeito pelo saber, o filósofo é aquele que ama a sabedoria, que tem amizade e desejo pelo saber. É claro que a ideia do conceito

* Mestranda em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua no grupo de pesquisa Redpect (ACHEI – Africanidade, Corpo, História, Educação e (In)Formação) e no grupo Griô: culturas populares e diásporas africanas, ambos da UFBA. E-mail: adilmachado@yahoo.com.br.

filosófico vai modificando sua definição no decorrer da sua história e hoje a filosofia apresenta-se como uma ação ética. Ocorrendo que todos os seres humanos adquirem conhecimento ao longo de suas vivências, a filosofia existe em todo e qualquer lugar, é da ordem do acontecimento, da experiência humana e do seu respeito ao conhecimento.

Não podemos esquecer que os conceitos filosóficos não são universais, pois não existem os mesmos conceitos em todas as culturas e alguns conceitos adquirem outros significados em diversas culturas. Assim, temos a tarefa de criar, resignificar conceitos.

Em *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 1996) nos deparamos com uma declaração de que não é suficiente que a filosofia seja definida pela criação de conceitos se nos isentarmos de criá-los, pois a produção de conceitos não advém da sua descrição. Seguindo a leitura nos deliciamos com o posicionamento de que “fazer conceito é questão de devir”, ou seja, é criação contínua. Faz-se filosofia fazendo, o filosofar não deve estar preso às normas, conceitos e regras, pois tudo é movimento, assim a filosofia também é, é desterritorializada, e não necessita de “donos”. Oliveira (2007) na sua “Semiótica do Encantamento” atribui a fabricação de conceito como uma tarefa da filosofia, enquanto o Encantar caracteriza-se como sua finalidade. Daí a produção de conceito ser uma consequência e a sua importância está no sentido que se dá a esse conceito, e não a ele em si. Resignificar!

Por ser da ordem do acontecimento e este ser movimento, a filosofia tem infinitas possibilidades e suas realizações são imprevisíveis. Devemos tê-la sempre como um projeto de libertação e assim uma ética que prima pelo outro, realizando-se como ética da sensibilidade, estética! O interesse aqui não é dizer que a filosofia africana deva ser o centro, excluindo a filosofia dominante, a filosofia europeia¹, o intento é disputar uma compreensão de filosofia que é universal, pois por se pensar local se universaliza, transcendendo o tempo histórico e o espaço geográfico.

¹ Não deixaremos de beber dos conhecimentos da filosofia eurocêntrica, como foi dito, não há exclusão, o que há é inclusão, reconhecimento e escolha de partir do outro. Não se disputa um conhecimento particular da filosofia, mas uma sua concepção diferente da que é imposta pela história da filosofia.

O objetivo é falar pelo meu eu², que não existe sozinho, é falar com os meus pares e não impor regras “filosóficas” que contemplem um universal que não parte de um contexto, pois apenas este é universal. É imprescindível que se fale desde a experiência vivenciada, pois o conhecimento é um acontecimento empírico, daí nosso fazer filosofia africana partir do cotidiano, da realidade local, das danças, dos mitos, dos ritos, dos contos, da capoeira, dos Babalorixás, das Yalorixás, do/a griô. Faz-se filosofia ouvindo, aprendendo, citando mestres de capoeira, samba, maracatu, referindo-se aos heróis do cotidiano, aos mais velhos de cada lugar, em meio aos renomados nomes da história da filosofia. Experiência que cria e re-cria, uma valorização da cultura e não uma exotização, re-conhecimento do seu valor e de sua grandiosidade. “Se a história não é feita pelos historiadores, mas pela sociedade, do mesmo modo, a elaboração científica não se deve unicamente aos cientistas, mas ao conjunto da coletividade.” (MAZRUI; AJAYI, 2010, p. 761).

O criar e re-criar é uma função da própria educação, desta não podemos escapular, a encontramos “em casa, na rua (...) de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, ensinar, para aprender-e-ensinar” (BRANDÃO, 2007, p. 7). A educação está atrelada ao cotidiano, à comunidade, esta é o de dentro, o de fora, dentro de olhares diferenciados, mas inclusivos, é a encruzilhada própria da arte de viver.

Não se pode pensar a realidade desde fora, de modo independente das tradições e da cultura de cada local. Um filósofo não pode deslocar o seu lugar de fala filosófico, do seu lugar de origem; é imprescindível pensar filosofia desde o contexto em que se está inserido, defendendo que toda cultura tem a sua forma de produzir, pensar. Nosso intento é demarcar conceito, sabendo que este é abrangente e que somos lugar de convergência, onde a diversidade não aniquila o indivíduo, ao contrário, promove-o.

² Eu não existo sozinha, mas em comunidade. “O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação, a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem um espaço para contribuir.” (SOMÉ, 2007, p.35).

Aquilo que não nos contam... o que a história que aprendemos na *escola* esconde

O que a história nos conta sobre a filosofia, a ciência e a própria civilização ocidental é que elas surgem abruptamente na Grécia Antiga, negando suas raízes no Egito Antigo, ou seja, negando suas raízes na África. Cheikh Anta Diop³ afirma que:

Enquanto ignorarmos a cultura egípcia – a mais antiga manifestação de uma Civilização Africana –, seremos incapazes de criar, no domínio das ciências humanas, qualquer coisa que possa ser considerada como científica. É somente através de uma referência sistemática ao Egito que poderemos introduzir uma dimensão histórica às ciências sociais. (DIOP *apud* MOORE, 2007a, p. 308).

Diop segue afirmando que “O Antigo Egito esteve na origem de um sistema filosófico elaborado e não de uma mera cosmogonia, como muitos ainda sustentam” (Idem, p. 308). Seguindo o mesmo texto, o autor ainda nos diz que “os gregos foram forçados a vir humildemente beber na fonte da cultura egípcia” (ibidem, p.312). Diversas pesquisas provam que já não há como questionar essa realidade. Tal negação entende-se desde o ponto de vista de que “‘filosofia’ é o rótulo de maior *status* no humanismo ocidental” (APPIAH, 1997, p. 131).

A filosofia eurocêntrica apropriou-se dos conhecimentos vindouros não apenas do Egito, mas também de outros países africanos. Aprendemos, dentre tantas outras coisas, que a origem da filosofia está na Grécia Antiga. Desse modo resumirei, pretensiosamente, a filosofia ocidental como uma sequência de considerações a respeito das impressões e ou interrogativas sobre o que seria a cosmologia, a cosmogonia, a vida, o ser humano, ou ainda reflexões sobre os pontos de vistas em torno de determinadas experiências científicas num determinado período e localizada no seu lugar de fala. Claro que a Filosofia Ocidental não se resume apenas a essa consideração e dela também podemos beber, ou seja, não renegamos o pensamento europeu, apenas escolhemos, como não poderia deixar de ser, pensar desde nosso lugar de fala, lugar este que advém

³ Senegalês, Filósofo, historiador, antropólogo, físico. Nasceu em 1923 e faleceu em 1986.

da ancestralidade entranhada em corpos como os nossos, corpos afro-brasileiros. Partilho compreensão de que:

não há nenhuma base ontológica para negar a existência de uma filosofia africana. Também argumentamos que, frequentemente, a luta pela definição de filosofia é, em última análise, o esforço para adquirir poder epistemológico e político sobre os outros (RAMOSE, 2011, p.14).

Sabemos que, em consequência do pensamento eurocêntrico, alimentado por um capitalismo desenfreado com uma necessidade descomensurada de aquisição de poder, o mundo foi impregnado de preconceitos em relação aos povos africanos e seus descendentes, colocou-se em dúvida a sua capacidade de filosofar, de pensar e exercer atividades intelectuais. O que se opõe ao significado da própria filosofia, esta que é amor fraterno, respeito ao saber...

Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização se arrogaram a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados. O epistemicídio não nivelou e nem eliminou totalmente as maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados, mas introduziu, entretanto, – e numa dimensão muito sustentada através de meios ilícitos e “justos” – a tensão subsequente na relação entre as filosofias africana e ocidental na África (Idem, p. 9).

A África, desde o Iluminismo, fora considerada um local incapaz de filosofia, encontramos essa concepção em Hegel, Kant, Hume, Voltaire. Hegel está entre os filósofos mais importante de todos os tempos e também um dos que mais negaram qualquer capacidade intelectual do africano, chegando a declarar a África como um papel em branco contra o qual se poderia comparar toda a razão. Ainda encontramos em sua leitura, uma teoria em que ele chega a classificar a África como o “país da infância” onde o negro torna-se o representante da “natureza em seu estado mais selvagem”, estado de total inocência. Kant irá falar que “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo” (KANT *apud* FOÉ, 2011). Em textos como “A leitura do Tratado sobre os caracteres nacionais” Hume fala sobre a raça negra ser inferior a raça branca, diz ainda que os negros ignoram aquilo que se refere à inteligência, citando a

manufatura, a arte e a ciência. Voltaire defende a escravidão justificando-a porque os povos africanos traficam seus próprios filhos⁴. Para legitimar a servidão, o Iluminismo decretou a inferioridade do negro. Intentando explicar essa falácia o ganense Kwame Anthony Appiah afirma:

Parte da explicação deve residir (...) no racismo: que reação mais natural a uma cultura europeia, que pretende – com Hume e Hegel – que o intelecto seja propriedade de homens de pele branca, que insistir que há algo de importante na esfera do intelecto que pertence aos negros (APPIAH *apud* FRACCALVIERI, 2007, p. 54).

Severino Elias Ngoenha, moçambicano, considera que colonizar, para o Ocidente, era arrebatando os povos africanos de sua perdição, libertando-os de suas trevas, trazendo-os à luz natural da razão que eles ainda não possuíam, os colonizadores consideravam que estavam humanizando os colonizados.

Esses preconceitos escondem fatos históricos que nos mostram o quanto devemos ao Continente Africano, a história que nos é ensinada não nos conta fatos como: As pirâmides do Egito Antigo foram construídas ao longo de vários milênios, sendo feitas com um intenso e desenvolvido conhecimento; também não expõe que o calendário do Egito Antigo era mais exato que o moderno e os hieróglifos egípcios e seus antecedentes são os primeiros sistemas da escrita. Tinham conhecimento de uma avançada matemática abstrata 13 séculos antes de Euclides, desenvolviam sofisticadas técnicas de geometria, matemática e engenharia. Dois milênios e meio antes do grego Hipócrates ser considerado fundador da medicina, os egípcios Imhotep e Atótis juntamente com seus sucessores desenvolveram os fundamentos da medicina.

Existe um vasto conteúdo do conhecimento e avanços tecnológicos alcançados pela civilização egípcia, porém há uma projeção da história que aniquila essa verdade. Outra forma de negação é a persistente negativa da identidade africana e negra dos egípcios, chegando até mesmo a caracterizar essa civilização como realização de outros povos⁵. Essas conquistas caracterizam o

⁴ Indico a leitura do artigo “A questão do negro no mundo moderno” de Nkolo Foé, 2011.

⁵ Vide Ki-Zerbo, 2010.

desenvolvimento dos estados africanos, não estando restrita apenas ao Egito, há todo um cabedal de conhecimento, de tecnologias de metalurgia e mineração, agricultura e criação de gado, matemática, engenharia, astronomia, ciência e medicina, espalhados pelo continente.

Cheikh Anta Diop nos chama atenção afirmando que:

A história da humanidade permanecerá na escuridão até que seja vislumbrada a existência de dois grandes berços – o meridional, que inclui toda a África, e o setentrional, que corresponde ao espaço euro-asiático – onde o clima forjou atitudes e mentalidades específicas (DIOP *apud* MOORE, 2007, p. 106 -107).

Diop afirma, dessa forma, que a humanidade tinha desembocado, em consequência de ser resultado da interação do homem com meios ambientais completamente opostos, em duas lógicas de evolução socioeconômicas opostas. A obra de Cheikh Anta Diop irá reestabelecer, por meio de rigorosa pesquisa científica, as verdades negadas, apresentando-se como referência básica do resgate desse legado egípcio, esse legado civilizatório. Ele nos diz que “o Egito Antigo foi o berço científico de onde emergiram, muito tempo depois, as contribuições científicas dos gregos” (MOORE, 2007a, p. 309).

Ao não fazer mistério acerca das suas fontes e do lugar de sua formação filosófica, é que alguns filósofos e historiadores gregos confirmam a tese da origem egípcia da filosofia, das ciências e das artes em geral. O fundador da Egiptologia africana Cheikh Anta Diop foi aquele que dedicou maior tempo a essa questão fundamental da história e da filosofia, sua pesquisa fora continuada pelo seu discípulo Théophile Obenga; este demonstrou em sua obra *L’Egypte, La Grèce et l’Ecole d’Alexandrie* que muitos filósofos e homens da ciência grega estiverem no Egito para serem instruídos pelos sacerdotes dos Templos da Vida nas diversas Escolas do pensamento filosófico egípcio-faraônico, demonstrou ainda a influência do pensamento egípcio nas reflexões de muitos filósofos e pensadores gregos. Podemos citar vários nomes que beberam das fontes egípcias, tais como: Tales, Platão, Pitágoras, Sólon, Anaximandro, Anaxímenes, Demócrito, Anaxágoras,

Aristóteles e tantos outros. Não se pode negar a dívida da Filosofia Grega com o Egito Antigo, ou seja, o Egito Africano.

Credita-se que a história só começa à medida que o homem se põe a escrever, a registrar os acontecimentos, desse modo, o passado africano antes do início do imperialismo europeu, só podia ser reconstituído a partir dos testemunhos de restos materiais, dos costumes primitivos e da linguagem. Mas, não dizem que a escrita tem origem no Egito e no Sumer⁶.

O continente africano ainda continua sendo visto como categoria unificada e coerente, negando sua diversidade, olhando o contexto folclórico e escravista, localizando a filosofia e a cultura em grupos étnicos. Mudimbe (1988) articula isso defendendo que a África foi uma construção da Europa, no sentido de que a Europa necessitava dos seus outros para projetar seus medos e suas aspirações. Historiadores do século XIV até início do XX ponderam que a história da África, teria principiado no período em que os europeus começaram a ter contato com aquele continente. Não apenas pelo registro e relato feito pelos viajantes, comerciantes, administradores e missionários que passavam por lá, do século XV ao XIX, mas especialmente pelas mudanças introduzidas pelos europeus na África. Confabulam que todos os elementos de destaque da cultura africana seriam frutos de interferências de outras civilizações, cópias inferiores e não uma criação propriamente africana.

A história colonial da África é muito diferente da sua verdadeira história, é então que, no fim do século XIX, os africanos começam a deixar por escrito o que conheciam sobre a história de seus povos para evitar que os europeus tragassem as suas histórias, contando uma história que não os pertencia, além de uma história que vangloriariam os colonizadores europeus, inferiorizando os demais, especialmente a África e América Latina.

⁶ Ver Ki-Zerbo, 2010 e MOKHTAR, Gamal, 2010.

A criatividade da Filosofia africana

Filosofia, como um todo que deseja compreender e desenvolver conhecimento, é diálogo com a cultura, a natureza, o ser, outras filosofias. Não pode existir filosofia sem a troca de experiência, pois é fruto da experiência, posto que é universal por ser filosofia, mas só é universal à medida que é local, que está incrustada na natureza, na cultura, na experiência/vivência. É a interação do meio social em que vive com o todo. Ela é atitude, é acontecimento e por isso é estética.

Falar em Filosofia Africana levanta enormes problemas que inquietam não apenas o mundo intelectual da África, mas também alguns círculos intelectuais europeus. Pergunta-se se há ou não uma filosofia especificamente africana, uma filosofia própria, que parte da sua cultura ou seria uma ideia acerca da filosofia ocidental aplicada noutro mundo cultural. Questiona-se onde, intelectualmente, acaba a África e inicia o resto do mundo.

Paulin Hountondji⁷ avalia não ser surpreendente que até recentemente o Ocidente tenha se recusado a aceitar que os africanos empregassem o conceito de filosofia, aparecendo na elite intelectual, isso se nos ativermos à definição de filosofia como um conhecimento cientificamente organizado. A sociedade que “domina” o conhecimento julga que as civilizações africanas com base em culturas orais não têm o exercício intelectual que leva a uma análise rigorosa e pontos de vista sobre o desenvolvimento moral, físico, psicológico e ético, enfim, não poderia dominar os princípios de conduta do bom viver. Esse preconceito da sociedade “dominadora” do conhecimento se dá na medida em que julgam que os negros são incapazes de pensar de maneira lógica, científica, afirmando assim a ideia de superioridade intelectual europeia.

Enquanto o beninense Hountondji considerará que a filosofia africana pode ser resumida numa série de textos escritos por africanos e qualificados como

⁷ **Paulin J. Hountondji** nasceu na República do Benin em 1942, é filósofo e político. Sua filosofia versa em torno da crítica à natureza da Filosofia Africana, seu principal alvo é a Etnofilosofia de Placide Tempels e Alexis Kagame.

filosóficos pelos próprios autores filosóficos, o ganês Kwame Gyekye⁸ rejeitará a ideia de que uma filosofia africana consiste meramente do trabalho dos africanos em escrever sobre filosofia, argumentará que essa filosofia surge a partir do momento em que o africano pensa em si, na sua cultura, no local onde vive, proporcionando uma filosofia ligada à cultura. São as análises críticas específicas do pensamento tradicional africano que proporcionarão essa filosofia distintamente africana, uma forma de pensar diferente do europeu, porém não inferior.

O eurocentrismo, presunçosamente, conceberá que diante do velho mundo, os demais, leia-se África e América Latina, devem recolher-se a sua insignificância, para que assim possam pontificar do alto de sua superioridade, concebendo-se o centro do mundo, dessa forma o detentor de todo conhecimento. A filosofia e a ciência não devem estar submetidas a um grupo determinado, mas ao bem estar dos indivíduos, das comunidades. “A filosofia africana apresenta, necessariamente um amalgama de continuidade e mudança, a evolução científica e cultural influenciou-a, inexoravelmente” (MAZRUI; AJAYI, 2010, p.799).

Como já fora dito, a filosofia africana não intenciona criar um novo centrismo; intenta-se responder filosoficamente a estas concepções errôneas e preconceituosas, produzindo no contexto do espaço e tempo africano, lançando uma filosofia local que na medida em que é local, é universal, não *sendo uma filosofia de um lugar, mas desde um lugar*. Oliveira (2006, p. 164) aponta que:

a filosofia não paira além nem aquém da história. Ela é um seu produto. Como tal, ela é definida nos contornos do solo de onde emerge. Se filosofia é universal enquanto saber autônomo e produtora de conceitos, ela é também contextual, visto que os significados de seus conceitos são determinados de acordo com a lógica de lugar próprio. Isso não impede, no entanto, que os produtos singularizados pelo solo cultural de onde emerge tenha validade e pretensões universais. A fórmula já fora dada: quanto mais regional, mais universal. Assim, pautamos a filosofia africana desde suas estruturas sociais e, desde esse território político, econômico e cultural.

⁸ **Kwame Gyekye** (nascido em 1939) é um filósofo importante no desenvolvimento da moderna filosofia africana.

A “análise” de dados da criação africana das ciências humanas, assim como a literatura, a antropologia, a história, alimentam a filosofia africana. Os mitos geram conhecimento, proporcionando pensamentos filosóficos fundamentais, o exame da oralidade traz um abundante conhecimento ancestral. A ancestralidade, desde afro-brasileiros que somos, é o guia da identidade histórica africana. Na cosmovisão africana, a vida é sacralizada e ritualizada continuamente, não se separando mitos e ritos. Mais uma vez cito Oliveira (2007, p. 237), quando afirma que:

A maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa dos mitos. Talvez porque os mitos não segreguem as esferas do viver. Não separa religião de política, ética de trabalho, conhecimento de ação. Talvez, também, porque o mito mantenha seu poder de segredo e encantamento, pois ao mesmo tempo em que revela, esconde e, ao mesmo tempo em que oculta, manifesta. E num caso ou no outro ela encanta, seja pela beleza explícita seja pela beleza encoberta. Em todo o caso a ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na música, na dança ou na arte. A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer. O mito é, portanto, mais que um discurso cosmogônico. Ele é um discurso cosmológico posto que ordena o mundo. Um mito é uma síntese de uma cosmologia. Mais! Ele é o atrator para a sedução da realidade (cosmogonia), tudo o que o mito faz é dispor do repertório de uma cultura e, ao mesmo tempo, significá-la.

Filosofia, em África, surgiu da inquietude motivada pela curiosidade em entender e questionar os valores e as interpretações acolhidas sobre a realidade dada, pelo senso comum e pela tradição, surgiu da necessidade de dá respostas e resolver os problemas dos povos africanos. Irá apresentar-se com a tarefa fundamental de desalienação da consciência, pois como disse MENDA *apud* MANCE (1995):

O negro pode conceber a identidade somente a través da negação histórica de sua raça. A posse de si mesmo por si mesmo (ou a auto-possessão de si) que ele procura na

particularidade o conduz (ou o obriga) a querer (ou desejar) uma ação capaz de acabar com o sistema histórico que o colocou fora da história. O reconhecimento da identidade negra passa necessariamente pela reapropriação prática de sua essência como homem, e claro, pela destruição do sistema que o negava como um homem (...). A tomada de consciência pelo Negro deve significar uma mudança da orientação dos eventos. Uma nova interpretação da cultura, uma nova orientação da existência: uma revolta consciente onde não há motivo para reconhecer ao Negro uma existência teórica, mas de encontrá-lo na afirmação contra a dupla negação: a escravidão e a colonização⁹.

A discussão sobre a existência ou não de uma filosofia africana é recente no contexto filosófico. Há pouco mais de cinquenta anos começou-se a discutir sobre a filosofia africana, tendo-a como tema acadêmico de investigação, debate e aprendizagem, ou seja, “o início do debate filosófico africano moderno equipara-se para muitos à sua entrada como disciplina acadêmica nas universidades em África” (SEILER, 2009, p. 22).

Essa filosofia nasceu com o nome de “etnofilosofia”, consistindo no intento de elaborar sistematicamente uma filosofia através do uso das categorias etnológicas tradicionais, marcando um ponto do início da filosofia africana, proporcionando o nascimento e o desenvolvimento do pensar africano consciente de si. Um discurso crítico que surge a partir dos anos 50, especialmente na década de 60 e 70, onde a preocupação que dominava a reflexão da maior parte dos filósofos africanos¹⁰ era elaborar essa filosofia própria, partindo de uma real adesão ao concreto, enraizada dentro de seu contexto histórico e social que passava por modificações profundas com o processo de emancipação da escravatura e descolonização que vários povos africanos atravessavam, processo de integração social dos negros nos países

⁹ Stanislas Adotevi, *Négritude et négrologues*, Union Générale d'Éditions, Paris, 1972, p. 251-253, in AZOMBO-MENDA e ENOBO KOSSO, p. 40-41. Retirado do texto “As Filosofias Africanas e a Temática de Libertação” – Euclides Mance, 1995, fonte: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/africa.htm>.

¹⁰ Pensadores do continente africano que elaboraram textos de cunho filosófico e negros latino-americanos que, ou assumiram nacionalidade africana que considerava a África como sua pátria-mãe.

considerados do novo mundo; enfim, transformações políticas, econômicas e sociais¹¹. Essa filosofia terá o papel de incentivar as avaliações dos engajamentos éticos e existenciais.

A elaboração de uma filosofia africana girava, então, em torno da análise das condições indispensáveis para a manifestação de uma ‘verdadeira’ filosofia africana e em torno das práticas reflexivas acerca das transformações culturais e as questões políticas. Ramose (2011), afirma que “A história da filosofia Africana deve reconhecer a necessidade de uma reconstrução da história da África. Deve reconhecer a filosofia Africana como um problema e um projeto tanto científicos quanto históricos”. Sabe-se que no século XX a preocupação central da filosofia africana era provar a sua existência, a sua natureza, pois se a filosofia pretende contemplar o universal, a palavra “africana” demarcava uma particularidade, além disso, havia a crítica à cultura oral daquele continente. Assim, a discussão da filosofia africana no século XX centrou-se em provar sua existência, não tendenciando a agrupar-se em escolas, ainda que existissem escolas agrupadas, como a etnofilosofia de um lado e do outro a filosofia da libertação, ainda encontra-se correntes de inspiração pragmática e de inspiração analítica.

Essa filosofia pensa desde seu local, pensando em si como análogo ao seu local de origem, concentrando-se na análise fenomenológica do mundo africano, do que seria a vida para os povos africanos, tentando resgatar seu território intelectual que fora apropriado, por vários séculos, pelos europeus, além do objetivo de transformar a realidade em que estavam inseridos. Filosofia africana definira-se não por meio da sua geografia ou da identidade dos seus praticantes, conceitos, protestos ou histórias, mas, sim por seus questionamentos e suas contestações. Não se pode considerar qualquer coisa como Filosofia Africana, assim como não se pode reduzi-la à sua religiosidade ou tradição cultural e, menos ainda, a uma filosofia que se inspira nas formas da metodologia filosófica Europeia. Pretende-se “libertar” a filosofia africana da

¹¹ Nas décadas de cinquenta, sessenta e setenta, vários países africanos conquistaram suas independências. Em Mance (1995) podemos ver essa relação.

influência proveniente da colonização e assim desenvolver um pensamento interior e universal de potencial intelectual próprio.

Metodologicamente, resumiremos os objetivos da filosofia africana, o estruturaremos da seguinte forma: 1) Conhecimento africano se dá no **significar a existência no mundo**, consciência que leva o indivíduo a ser iniciador de novas ideias e assim haver perspectiva de um novo futuro. As exigências do pensar filosófico culminaram com as independências, novas formas de governo com o fim da colonização. Isso se possibilitou quando a filosofia reivindicou seu lugar, dando sentido e racionalidade as suas. 2) **Formar homens íntegros**. Que agem em comunhão com a sociedade em que vivem, e se pensam no mundo, respeitando a diversidade cultural, o universo, a natureza, pensam e agem para a mudança de suas condições sociais e políticas. 3) Filosofia como causadora de ideias e ideais libertadores. Estimulando o homem para transformar a sociedade num lugar melhor, abrangendo o contexto social e cultural, sendo protagonista de uma mudança eficaz, ou seja, **a filosofia deve ser um convite à emancipação**. 4) Suscitar que **os africanos podem fazer uma filosofia de ponta**, capaz de formular correntes de pensamentos tão grandiosas quanto aquelas que provocaram mudanças no mundo.

Esses objetivos implicam na ação do educar, o instruir o indivíduo para a vida e transformação da realidade. FREIRE (1987, p.62) nos diz que:

a educação se faz uma tarefa altamente importante, uma vez que deve ajudar o homem a ajudar-se, colocando-o numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. Para tanto, é absolutamente indispensável à humanização do homem [...] não poderia ser feito nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção.

Educação em África é inversão dos paradigmas, é pensar uma educação desde o repertório cultural, pensar processos dinâmicos, inclusivos além de criativos, entender o conhecimento como sabedoria atrelada ao cotidiano, à família, à comunidade. A educação africana e afrodescendente desenvolve uma pedagogia em diálogo com a origem, que está assentada na experiência. Educar com/em África é resignificar o olhar.

Resignificar é um papel do currículo que “como um espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais” (SILVA, 2010, p. 27), sabendo ainda que “a identidade, tal como a cultura, tampouco é um produto final, acabado” (Idem, p. 25).

Filosofia Africana e suas Correntes

No intento de responder aos questionamentos sobre a existência, a universalidade (filosofia) e sua particularidade (africana), podemos demarcar algumas correntes que podem ser consideradas núcleos da Filosofia Africana Contemporânea. As correntes¹² são as seguintes: *Etnofilosofia*, *Sagacidade Filosófica*, *Filosofia Nacionalista-Ideológica* ou *Filosofia Política*, *Filosofia Profissional*. Em classificações mais recentes incluiu-se *filosofia literária / artística ou poética e Hermenêutica*¹³, que seriam correntes, no nosso modo de ver, culturalista¹⁴. Também é importante evidenciar que dentro dessas correntes particulares há outras correntes com suas singularidades.

¹² Sabemos do quão delicado (além de complicado, tendo em vista a dificuldade em acessar livros sobre o conteúdo) é estudar as correntes que constituem o pensamento africano, no entanto, a nível metodológico estaremos apontando essas correntes como delineadoras do nosso trabalho. Aqui seguimos a divisão realizada por Oruka (1988, p.35-37).

¹³ Classificações mais recentes já incluem a Filosofia Feminista.

¹⁴ Estamos desenvolvendo (ACHEI) um Mapa Conceitual do Pensamento Africano e Latino Americano, atualizando-o dentro do pensamento da filosofia afrobrasileira com o conceito de Ancestralidade. Esse mapa está dividido em Geopolítica, Geocultura e Ancestralidade. No que se refere à Filosofia Africana dividiríamos as correntes da seguinte forma: (Sagacidade Filosófica, Filosofia Política, Filosofia Profissional) e Geocultura (Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica, Filosofia Literária/Artística e Hermenêutica), em consequência da grande dificuldade em classificar os autores dentro dessas correntes (sendo que em sua maioria os autores estão em mais de uma corrente), optamos por trabalhar com os três movimentos: *Geopolítica, Geocultura e Ancestralidade*.

Etnofilosofia: seu tema fundamental é a relação da filosofia com a cultura. Uma abordagem que vai considerar a sabedoria coletiva, o lugar ontológico de hipóteses gerais e a visão de mundo de tribos africanas ou grupos étnicos que tem como código a filosofia. É um sistema de pensamento que irá tratar as diversas cosmovisões coletivas de povos africanos como uma única forma de conhecimento, baseando-se na sabedoria do povo, em mitos, ritos e provérbios. Intenta, partindo, das categorias próprias da cosmovisão africana, demonstrar a racionalidade existente nas práticas rituais, nos mitos, nos contos, nos provérbios africanos, aqui a metafísica do homem africano é fundamental.

O termo “etnofilosofia” foi cunhado por Paulin Hountondji para referir-se aos antropólogos, sociólogos, etnógrafos e filósofos que trabalham com as coletivas filosofias de vida dos povos africanos. Hountondji contribui para a ampla divulgação da etnofilosofia por apresentar-se como um, talvez o maior, crítico dessa linha de pensamento que inclui, dentre outros, Placide Tempels, Leopold Senghor, Alexis Kagame. A sua crítica está na forma de abordagem crítica ao conceito da filosofia bantu de Placide Tempels, essa crítica ao intento de tornar o pensamento tradicional em filosófico, iria contribuir para a crítica do pensamento ocidental de que o pensamento africano está voltado para o passado. Já os etnofilósofos concebem que os pensamentos coletivos são derivados de um pensamento comum e profundo do continente africano.

Em sua obra Tempels¹⁵ concebe que o pensamento cognitivo do africano é uma filosofia que segue os seus próprios níveis de conhecimento, sua própria forma de pensar, daí ser uma etnofilosofia, apontando a ligação estreita do homem africano com suas raízes, onde se pensa seus problemas e a origem destes.

Tempels tem uma enorme influência na Filosofia Africana do século XX, sendo considerado por muitos filósofos o pai ancestral desta filosofia, em virtude da sua célebre obra *La Philosophie Bantoue*, publicado em 1945, onde argumenta que o povo da África Subsaariana (Povo Banto) tem uma filosofia distinta e irá descrever as bases dessa filosofia. Era uma reação à crença predominante sobre os

¹⁵ Placide Tempels foi um missionário belga nascido em 1906 e morto em 1977.

africanos de que estes seriam incapazes de pensar racionalmente. Tempels respondeu argumentando através da análise de seus costumes e tradições, em especial o povo Bantu. Para a Filosofia Bantu o fundamento do universo, o seu valor supremo é a vida, a força que impulsiona e que emana dela, todos os seres são forças e em qualquer situação deve-se ininterruptamente procurar acrescentar força à vida e ao universo. Segundo Oliveira (2006, p.46), Força Vital é: “a própria manifestação do sagrado que sustenta o universo e permeia a relação entre os homens e entre eles e a natureza”.

A etnofilosofia conceberá o pensamento africano tradicional como filosófico, utilizando o método etnográfico para realizar suas pesquisas. Nessa corrente temos ainda Alexis Kagame um padre da Ruanda Belga, é filósofo, poeta, teólogo e professor de história. Traz no seu pensamento a tarefa de oferecer um fundamento maior às concepções de Tempels, por meio da análise das categorias da linguagem, onde busca a reconstrução das categorias metafísicas na língua africana que fora elegida.

Léopold Sédar Senghor é senegalês, poeta, estadista, pensador que lutou para tornar compreendidos os fundamentos ontológicos do pensamento africano. Grande influenciador do pensamento contemporâneo africano, devido seu percurso estudantil e profissional. “Oferece os conceitos de “força vital” e a ideia de um pensamento filosófico intrinsecamente coletivo como elementos subjacentes ao Ser africano aos já referenciados P. Tempels e A. Kagame” (SEILER, 2009, p. 33). Senghor vai pra um lado mais poético e cultural:

Eis então o negro-africano, o qual simpatiza e se identifica, o qual morre a si para renascer no outro. Ele não assimila. Ele se assimila. Ele vive com o outro em simbiose, ele co-nhece o outro... Sujeito e objeto são, aqui, dialeticamente confrontados no ato mesmo do conhecimento, que é ato de amor. “Eu penso, então eu existo”, escrevia Descartes. A observação já foi feita, pensa-se sempre alguma coisa. O Negro-Africano poderia dizer: “Eu sinto o Outro, eu danço o Outro, então eu sou”. Ora, dançar é criar, sobretudo quando a dança é dança do amor. É este, em todo o caso, o melhor modo de conhecimento (SENGHOR *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 129).

Seguindo, temos a **Filosofia da Sagacidade** ou **Sagacidade Filosófica** que trata dos “sábios filosóficos”. É um sistema de pensamento que se encontra baseado na sabedoria e nas tradições dos povos, sendo, basicamente o reflexo de uma pessoa que é reconhecida como “sábio” e pensador, dentro da comunidade. É uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo, um pensador crítico e racional. Os filósofos da sagacidade estão convictos que o estudo da Filosofia Africana não versa no estudo de obras, mas nos sábios, homens e mulheres das comunidades, ou seja, é a relação da filosofia com os sábios. Objetiva mostrar que a alfabetização não é uma condição indispensável para a reflexão e exposição filosófica, a importância maior é a pertença cultural, a cultura popular, os conhecimentos e as experiências dos sábios tradicionais, aqui a oralidade é bastante defendida. O filósofo queniano Henry Odera Orika¹⁶ é o sistematizador dessa tendência filosófica.

Outra tendência é a **Filosofia Nacionalista / Ideológica** que identifiquei como **Filosofia Política** com interesses e objetivos de responder aos problemas referentes ao colonialismo, às independências, ao fim da escravatura e exploração do homem africano. É a negação da negação, a recusa dos preconceitos ideológicos consolidados no processo histórico, a busca da afirmação do indivíduo africano, desconstruindo a “desvalorização de si” internalizadas pelo colonizador, é a afirmação da cultura africana, da personalidade africana dentro de sua grande diversidade cultural.

É o reconhecimento de que alguns políticos africanos tratavam com questões filosóficas mesmo quando engajados em projetos emancipatórios e de reconstrução da nação, é fundamentalmente uma filosofia sócio-política. Aqui

¹⁶ **Henry Odera Orika**: nascido em 1944. Distinguiu o que ele chama de 4 tendências da Filosofia Africana Moderna: Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica, Filosofia Nacionalista Ideológica e Filosofia Profissional. Após, Orika acrescentou duas outras categorias, a Filosofia Literária/Artística (trabalhos literários como os de Wole Soyinka, Chinua Achebe, dentre outros) e a Filosofia Hermenêutica que seria a análise das línguas africanas com o objetivo de encontrar conteúdos filosóficos. A necessidade de uma filosofia profissional se dava devido ao fato de que os sábios Africanos não usavam a razão reflexiva da mesma forma que os antigos filósofos da Grécia, Índia e China. Além disso, concebia que a filosofia é impossível numa tradição puramente oral, e que os tradicionais sistemas de crença desencorajavam o pensamento individual em favor do consenso.

encontramos os movimentos de negritude, do pan-africanismo, do socialismo africano, dentre outros.

Nessa corrente encontramos nomes como Leopold Senghor¹⁷, Kwame Nkrumah¹⁸ e Julius Nyerere¹⁹, Dubois²⁰. Buscam, por meio da libertação mental um regresso ao verdadeiro humanismo africano, uma verdadeira e significativa liberdade para o africano. Aqui os temas não versam em torno dos sábios, mas dos ideólogos, assim é preciso manter uma distinção entre ideologia e filosofia.

Seguimos com a **Filosofia Profissional** que também é identificada como a **Corrente Crítica da Filosofia Africana**, ela é a categoria que rejeita um modo particular de filosofar, pois a filosofia é universal, com princípios universais, não pode ser um pensamento particular, comunitário, mítico. Categoria que inclui aqueles que foram “treinados” dentro da filosofia ocidental, ou seja, nas universidades ocidentais, é a relação da filosofia com a academia. Análise e interpretação da realidade em geral, crítica e argumentação como características e condições fundamentais de qualquer forma de conhecimento que deseja ser considerado filosofia. Esta, para eles é uma disciplina universal que tem o mesmo significado em todas as culturas. Critica a Etnofilosofia que discute a existência ou

¹⁷ **Leopold Senghor** nasceu em 6 de Junho de 1906, em Joal, no Senegal, faleceu em 20 de Dezembro de 2001 na Normandia. Além do Movimento da Negritude, é considerado fundador do Socialismo Africano e da Civilização do Universal. **Negritude**: Conjunto dos valores culturais do mundo negro. "a soma total dos valores africanos". Intérprete de um povo, defensor de um socialismo africano, isto é, um socialismo que respeitasse a realidade e a "situação da África", na linha do que ele chamou de "humanismo negro-africano".

¹⁸ **Kwame Nkrumah** nasceu em 21 de Setembro de 1909 e faleceu em 27 de abril de 1972. Filósofo, político e um dos fundadores do Pan-Africanismo. Foi um dos líderes políticos da independência do Gana, pensa na promoção do humanismo africano, nos direitos dos africanos e na Unidade Africana. Concebe que cada homem possui um fim em si mesmo e é necessário garantir oportunidades para o seu desenvolvimento.

¹⁹ **Julius Nyerere** nasceu em 13 de abril de 1922 e faleceu em 14 de outubro de 1999. Foi presidente da Tanganyika, desde a independência deste território em 1962, em seguida, da Tanzânia, até retirar-se da política em 1985. Em 1964, uniu Tanganyica e Zanzibar, criando assim a denominada República Unida da Tanzânia, manteve-se no poder, sendo sucessivamente reeleito, durante 20 anos. Em 1985/86 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz.

²⁰ **Dubois** nasceu nos EUA em 1868, morreu em 1963. Foi Historiador, sociólogo, escritor, editor, e ativista político. William Edward Burghardt Du Bois foi um dos intelectuais mais talentosos e influentes de seu tempo. A sua vida foi dedicada à luta pela justiça racial. Considerado “pai do pan-africanismo político”, ele tem um famoso livro intitulado “Almas da Gente Negra”.

não da Filosofia Africana. Representada basicamente por Kwasi Wiredu²¹, Paulin Hountondji, Eboussi Boulaga²², Marcien Towa²³, Odera Oruka e Peter Bodunrin.

A **filosofia literária / artística** é representada por aqueles que refletiram questões filosóficas em ensaios e ou obras de ficções. Tais como Wole Soyinka²⁴, Chinua Achebe²⁵, Oko p'Bitek²⁶, dentre outros.

A **filosofia hermenêutica** caracteriza-se como aquela que faz análises das línguas africanas em torno da busca de conteúdos filosóficos. Uma filosofia de interpretação do contexto africano, ou seja, segue um modelo universal, mas parte do intrínseco do ser africano, tornando-o objeto do seu pensamento, tentando responder questionamento sobre o ser africano no mundo e sua ligação com o divino, com o outro e consigo mesmo. Encontramos os trabalhos de Kwame Gyekye, Tshiamalenga²⁷, Maurier, Laleye, Barry Hallen e Sodipo Jo dentro dessa perspectiva.

²¹ **Kwasi Wiredu** nasceu em Gana em 1931. Filósofo que se opõe às outras correntes por considerar que todas as culturas tem suas crenças e visões de mundos, mas estas devem ser diferenciada da Filosofia. Não afirma que a cultura popular não possa desempenhar um papel filosófico, mas que uma verdadeira filosofia deve partir de um pensamento de análise crítica e argumentação rigorosa.

²² **Eboussi Boulaga** nasceu em Camarões em 1934. Escreveu sobre questões políticas (artigos, folhetos, guias de eleições, e os livros) e fez observações sobre eleições (Camarões, República Centro). Era conhecido por suas posições.

²³ **Marcien Towa** é um filósofo camaronês. Faz uma crítica ferrenha às Etnofilosofia, concebendo-a como um subconjunto da Etnologia Europeia.

²⁴ **Soyinka** é um escritor nigeriano, nascido em 1954. Autor de mais de vinte obras e considerado um dos mais refinados dramaturgos contemporâneos. Foi o primeiro africano e escritor negro laureado com o Prêmio Nobel em 1986. Grande parte das suas obras reflete a vivência das tradições, assume uma perspectiva cultural muito ampla e o drama da existência humana. Concebe que qualquer cidadão tem que estar comprometido com o social e seu comprometimento são com os valores da liberdade, verdade e justiça.

²⁵ **Chinua Achebe** é um filósofo ganês, nascido em 1939. Rejeita a ideia de que uma filosofia africana consiste simplesmente do trabalho do africano em escrever sobre filosofia. Para ele a filosofia africana surge a partir do momento em que o africano pensa em si, diz respeito à cultura. Pensa numa filosofia ligada à cultura. Concebe que é a comunidade que confere a personalidade do indivíduo.

²⁶ **Oko p'Bitek** é um ugandense poeta, antropólogo e crítico social, que escreveu em Luo e em Inglês. Foi uma das vozes mais vigorosas e originais do Leste Africano e na poesia do século 20. Seu profundo interesse na cultura Acoli foi evidente em toda a sua carreira. Sua escolha foi tomar uma posição contra a infiltração ocidental e defender as tradições e costumes Acoli.

²⁷ **Tshiamalenga Ntumba** nasceu em 1932 no Zaire. Teólogo e Filósofo, deixou sua marca na busca filosófica e teológica na África, especialmente na República Democrática do Congo. Desenvolveu uma filosofia baseada na categoria de "Nós". A concepção de si mesmo como membro integrante de um social, de uma comunidade que protege e apoia toda a existência humana é a condição prévia para qualquer nova percepção humana.

Possíveis (ou impossíveis) Considerações Finais

Filosofia africana aparece sendo elaborada desde os princípios e valores que regem a vida do africano, dentro da sua imensa diversidade. Encontra-se absorvida não apenas nas suas diferentes culturas, mas também no seu modo particular de pensar os problemas locais, dentro do universal, partindo dos seus mitos, seus provérbios, seus rituais, sua religiosidade, assim como nas questões políticas, no mundo da literatura, da poesia, do jeito de falar com o coração, pensando o outro.

Abre-se para as possibilidades, não estando enquadrada nos moldes epistemológicos da filosofia ocidental. Sai da totalidade para pensar a alteridade, esta é seu ponto de partida, daí ser a ética uma filosofia. Enxerga a diversidade em vez da identidade, mas não a exclui, mira a diversidade na unidade e não busca a unidade na diversidade, é atitude e não uma metafísica, é corpo inteiro e não apenas razão. Filosofia da diferença que prima por uma ética de inclusão, é ciência da sensibilidade, é estética, pensa epistemologias para a vida, para o existir, conhecimentos propositivos de uma mudança consistente e duradoura, epistemologias para a práxis e não com a finalidade última de obtenção de poder político e epistemológico.

Pesquisar / estudar sobre a Filosofia Africana implica numa necessidade de re-significar o educar e assim o currículo, este que se apresenta como a expressão daquilo que constitui o conhecimento, é linguagem, texto, representação e assim produtor e “circulador” de signos, também é e por ser produtor de identidade e alteridade aproxima-se da Filosofia Africana, pois a análise de dados da criação africana das ciências humanas, assim como da literatura, antropologia e outras ciências, a alimenta.

E enquanto africana que não nasceu na África e que não viveu os conflitos da colonização e os de guerra de libertação, falo desde meu lugar de afro-brasileira, desde minha ancestralidade que é fruto da desterritorialização provocada pelos processos de colonização. Sou fruto da diáspora e vejo a Filosofia Africana sendo perpassada pela literatura, história, antropologia, pela própria filosofia, dos

africanos nascidos lá, dos africanos nascidos cá, dos africanos que foram espalhados pelo mundo. Que por meio da ancestralidade tem a África nascida dentro de si.

Estamos implicados nessa história, somos produtos da história do lugar de origem e do lugar onde nascemos, não podemos negar os nossos pares e partilhar de um conhecimento que não diz respeito à nossa realidade, a nossa história. Não o negamos, apenas não o queremos falando por nós, porque isso podemos, fazemos e continuaremos no propósito de sermos nossa própria voz.

Eu escolho meu lugar de origem e esse lugar é fruto da minha liberdade de escolha, do meu encantamento e a base dessa escolha é a ancestralidade. O encantamento é o fundamento e o não fundamento, é o sustentáculo, é a condição para que o acontecimento aconteça. E é desde essa mulher encantada que aqui traço um pouco daquilo que quero abarcar.

Filosofia pensa, projeta, cria, traça, foge, pratica, age. Filosofar é agir. Filosofia é produção, além de resignificação de conceitos, mudança de paradigmas, onde o contexto e o tempo histórico são fundamentais. Onde a voz de todos é valorizada à medida que se escuta e se pensa o outro. É o movimento da alteridade, somos “pedacinhos de alteridade” (OLIVEIRA, 2007, p.5). Ela não se conjuga pura e simplesmente na racionalização, mas no pensar/sentir de corpo inteiro, com cheiro, lágrimas, suor... é rosa com pétalas e espinhos! Racionalizar com Sensibilidade! Filosofia constrói mundos, porque viver é construir mundos!

*“Antes de morder, veja com atenção, se é pedra ou se é pão.”
Mãe Stella de Oxóssi*

Referências bibliográficas

- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai:** a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007. – (Coleção primeiros passos; 20).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, VOL.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto – Rio de Janeiro: Editora 34, 1996 (Coleção TRANS).

FOÉ, Nkolo. **A questão do negro no mundo moderno**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano IV, Nº 8, Dezembro de 2011.

FRACCALVIERI, Bianca. Libertar-se é preciso. **FILOSOFIA - Ciência & Vida**. Ano II, Nº14, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: Unesco, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. Da natureza bruta à natureza libertada. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

MANCE, Euclides André. As filosofias Africanas e a Temática de Libertação. **IFIL – Instituto de Filosofia da Libertação**, Curitiba, 1995. Disponível em: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/africa.htm>. Acesso em 2005.

MAZRUI, Ali A.; AJAYI, J.F. Tendências da Filosofia e da Ciência na África. In: **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Editado por Ali A. Mazrui. 2.ed.rev. – Brasília: Unesco, 2010.

MOKHTAR, Gamal (Ed). **História Geral da África, Vol. II: África Antiga**. 2ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007a.

_____. **O racismo através da história: da antiguidade à modernidade**. Disponível em: <http://www.abruc.org.br/sites/500/516/00000672.pdf>. Visitado em maio de 2010.

MUDIMBE. **The invention of Africa**. Bloomington, Indianapolis, Indiana University Press, 1988.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

____. **Cosmovisão africana no Brasil:** elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

ORUKA, H.O. Grundlegende Fragen der afrikanischen “Sage-Philosophy”. In: WIMMER, F. M. (Hrsg.). **Vier Fragen zur Philosophie in Afrika, Asien und Lateinamerika.** Wien: Passagen, p. 35-53. 1988.

OXÓSSI, Mãe Stella de. **ÒWE / PROVÉRBIOS.** Salvador/África, 2007.

RAMOSE, M.B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Ensaio Filosóficos**, Volume IV – Outubro / 2011.

SEILER, Frank-Ulrich. **A comunicação e o saber filosófico contemporâneo africanos:** Estudo Exploratório de uma Epistemologia Comunicacional Africana. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2099/1/22055_ulfp034765_tm.pdf. Visitado em 18 de Dezembro de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche:** a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade:** ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. SP: Odyseus Editora, 2003.

Recebido em 17/04/2012
Aprovado em 22/05/2012